



RÁDIO GAC: UMA ANÁLISE DA PARTICIPAÇÃO DOS MORADORES DA QUADRA NO PROCESSO DE CRIAÇÃO DA RÁDIO POSTE

GT8: Comunicação Popular, Comunitária e Cidadania

Milena de Castro Ribeiro¹

Universidade Federal do Ceará - Brasil

milenabrasil@gmail.com

Resumo

O objetivo do artigo é descrever e analisar o processo de criação da rádio poste do Conjunto Habitacional São Vicente de Paulo, localizado na cidade de Fortaleza, estado do Ceará, no Brasil. Entender as motivações dos moradores para a criação da rádio e a manutenção desse veículo facilita a compreensão da permanência da rádio na comunidade durante esses mais de 20 anos. As discussões teóricas são realizadas em torno dos conceitos de participação e comunicação comunitária, dialogando com autores como Bordenave (1983), Kaplún (1985) e Peruzzo (2006). A pesquisa foi realizada através de entrevistas com cinco moradores que participaram da fundação da rádio ou que já apresentaram programas no veículo. Verificou-se, através desta análise, que a atuação dos moradores nesses 20 anos da rádio se restringiu a um grupo pequeno que, apesar de bastante engajado no início do projeto, não conseguiu se renovar, ocasionando mudanças significativas na trajetória da rádio, após a saída do primeiro grupo gestor.

Palavras-chave: rádio poste; participação; comunicação comunitária

¹ Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal do Ceará (UFC), linha de pesquisa: mídia e práticas sócio-culturais. Professora orientadora: Catarina Oliveira.

Introdução

Neste artigo, pretendo investigar a participação dos moradores do Conjunto Habitacional São Vicente de Paulo² no processo de criação da rádio poste da comunidade. Busco analisar as motivações da mobilização dos jovens para criação dessa rádio e refletir sobre a participação da comunidade nesse veículo que permanece ativo há exatos 21 anos, já integrando a história do conjunto habitacional conhecido pelo nome de “Quadra”.

Localizada em um bairro nobre da cidade de Fortaleza, chamado Aldeota³, a comunidade tem uma história marcada por lutas e conquistas dos moradores que, mobilizados, conseguiram se organizar e obter melhorias de infraestrutura para a localidade, como calçamento, casas numeradas e saneamento básico. Também faz parte da história da Quadra a organização de uma Associação de Moradores, uma rádio comunitária e jornais comunitários, entre eles O Revolucionário e o Voz da Quadra.

A comunidade surgiu na década de 1950, segundo relato de moradores e jornais da época. O terreno teria sido ocupado por pessoas que vinham de outros bairros da cidade e passaram a habitar em barracos, o que gerou a formação de uma favela, chamada de “Favela Santa Cecília”. A situação em que os habitantes da

² A comunidade da Quadra está delimitada pela Avenida Virgílio Távora e as ruas Beni de Carvalho, General Tertuliano Potiguara e Vicente Leite, em Fortaleza. É conhecida como “Quadra” por fazer parte de um grande quadrado, formado por dois grandes quarteirões. Muitas vezes é associada ao nome “Santa Cecília”, por estar ao lado do Colégio Santa Cecília. De acordo com o Censo de 2000, residem nesta comunidade mais de 600 famílias, ocupando 444 casas. Atualmente, apesar da imprecisão dos dados, é estimada a presença de mais de 5.000 moradores.

³ O bairro Aldeota, no final da década de 1980, passou a ser bastante visado pelas construtoras e ocupado por uma nova classe média que surgia na época (SILVA, 1992, p.50). Assim, a região onde o conjunto está localizado é marcada por contrastes: o entorno da comunidade é constituído por ruas asfaltadas, prédios altos e comércios destinados a uma parcela da população com poder aquisitivo mais elevado; dentro da Quadra, porém, ruas estreitas e não-asfaltadas, casas pequenas - muitas vezes construídas desordenadamente, habitadas por pessoas de baixa renda.

favela viviam era precária. Além disso, a comunidade ainda teve que lutar para permanecer no local.

Por volta de 1978, a favela era conhecida pela violência e isso – atrelado à valorização imobiliária da região – levou os vizinhos de classe média a pedirem a sua transferência. Mas, como os moradores tinham empregos nas proximidades e um conjunto de facilidades no bairro, evitaram a expulsão através de uma longa resistência popular (SILVA, 1992, p.126).

De acordo com relatos dos moradores antigos, a urbanização da então favela só foi possível graças a uma carta, escrita por um habitante do local, enviada à Dona Luiza Távora, primeira-dama do Estado no início da década de 1980. Na carta, pedia-se a urbanização da favela e a permanência das pessoas no local. Com a urbanização, a favela com casas de papelão se tornou um conjunto habitacional no meio da Aldeota. Hoje, a comunidade mantém a organização das ruas, mas a maioria das casas já foi alterada, quase sempre com a intenção de ampliar e suportar mais pessoas morando no mesmo espaço.

A comunidade vive atualmente em uma aparente tranquilidade que é interrompida pelas primeiras notícias de remoção que surgem. A Copa do Mundo de Futebol de 2014 é o atual motivo para remover a comunidade vizinha, a do Trilho, que fica localizada às margens da Via Expressa. Ao mesmo tempo em que os mais de 50 anos de convivência parecem dar alguma garantia de permanência dos moradores no local, o aumento da circulação de drogas, quantidade de bocas de fumo, assaltos e brigas parecem sempre dar motivos para os que querem novamente retirá-los dali.

Ao não se sentir parte do bairro, a comunidade se fecha em uma convivência com os iguais. Iguais na necessidade de permanecer no local, isso une os moradores

desde o início, e eles resistem e participam das questões que envolvem a comunidade de várias formas. Um Grupo de moradores formou a rádio na vontade de dar voz a própria comunidade. Através de um levantamento histórico sobre o início da rádio poste, realizado a partir de entrevistas com moradores que participaram da fundação da rádio ou que apresentaram programas no decorrer desses mais de 20 anos de atuação, busco entender a participação dos moradores da Quadra na criação do veículo que hoje, após transformações, tem o nome de Centro de Comunicação Alternativa.

A rádio poste

A comunidade da Quadra está localizada em um bairro onde se concentram os principais veículos de comunicação do Estado do Ceará. No quarteirão ao lado da Quadra está localizada a TV União e, do outro lado, o Sistema Jangadeiro. Há poucos quarteirões, temos o Sistema Verdes Mares, afiliada da Rede Globo de Televisão, mais influente rede de comunicação do país. E, são justamente esses veículos que, muitas vezes, publicam matérias responsabilizando os moradores da Quadra por situações de violência, quase sempre sem nem escutar a versão das pessoas daquele lugar.

Os jornais estampam, com destaque, os cruzamentos localizados no entorno da Quadra como sendo “os mais perigosos da cidade”⁴ ou ainda afirmam ser comum a presença de drogas na comunidade. E, são justamente essas notícias que chegam ao alcance dos moradores dos prédios da Aldeota, aumentando o temor e a distância em relação à comunidade, cada vez mais excluída do convívio do bairro.

⁴ Matéria intitulada “Onda de assaltos provoca terror”, de 15/3/2007, publicada no Jornal Diário do Nordeste tem como legenda de foto: “Cruzamento da Avenida VirgílioTávora com Beni Carvalho é apontado como perigoso”. Ver em: <http://diariodonordeste.globo.com/materia.asp?codigo=414933>.

Enquanto o morador assustado do entorno envia um e-mail e faz uma denúncia ao jornal, reclamando da violência na esquina da rua Beni de Carvalho e avenida Virgílio Távora, o morador da Quadra bate na porta da rádio comunitária para fazer um apelo e pedir ajuda para algum vizinho que está precisando de algo. É essa rádio poste, criada em 6 de fevereiro de 1993 por um grupo de jovens moradores da própria comunidade, que tenta compartilhar a sua realidade.

Completados vinte anos no ar, a rádio comunitária FM GAC – Grupo de Apoio Comunitário (atualmente com o nome “Centro de Comunicação Alternativa”) transmite ao vivo os programas através de um sistema de alto-falantes localizados em diferentes pontos da comunidade. São 12 caixas de som, situadas em postes, desenvolvidas pelo morador José Aguiar Viana Filho, o Zequinha, que na época da fundação da rádio trabalhava com serviços de som. As caixas em funcionamento são as mesmas e ainda hoje é o próprio Zequinha o responsável pela manutenção delas. Ele relata que até hoje os moradores sempre vão avisá-lo quando percebem que uma caixa não está funcionando.

A ideia da rádio surgiu a partir do Grupo de Apoio Comunitário (GAC), formado por cerca de 5 participantes⁵, jovens moradores da Quadra que já atuavam como voluntários no Centro Comunitário e decidiram ajudar a gestão sobretudo nas áreas de lazer, eventos e também na comunicação. De acordo com Zequinha, o grupo percebeu que o então presidente da Associação de Moradores, João Roberto de Carvalho, estava com dificuldades para se comunicar com a comunidade, pois a comunicação era realizada através de um sistema de cornetas⁶ que não alcançava toda a extensão da comunidade. De acordo com o

⁵ Durante as entrevistas, foram identificados como participantes do grupo: José Aguiar Viana Filho (Zequinha), José Alberto Alves, Normando Rodrigues, André Gomes e Marcos Antônio “Gojoba”.

⁶ De acordo com João Roberto, as cornetas eram utilizadas para convocar os moradores para assembleias. Ele lembra que esse sistema já existia em outras comunidades, como a do Edson Queiroz, e que foi trazido para a comunidade, na época ainda Favela, pelas irmãs da Paróquia São Vicente de Paulo.

relato, o sistema de radiadora funcionava através de duas bocas de saída de som viradas para lados opostos, localizadas no centro da comunidade, onde hoje está a rádio.

O idealizador da rádio foi o próprio Zequinha que, por entender dos mecanismos de som, lançou o projeto de, através de um sistema de alto-falantes, instalar uma rádio na comunidade e espalhar caixas de som que pudessem atingir todos os moradores. De acordo com Zequinha, a ideia foi rejeitada por apenas um dos integrantes, Normando Rodrigues, que sugeriu a realização de uma pesquisa para verificar se a comunidade estava de acordo com a instalação daquela rádio. Mas, o projeto foi levado adiante, sem a realização da pesquisa pois, de acordo com o idealizador, “a comunidade não teria como saber se gostava de algo que não conhecia”⁷.

Já Normando Rodrigues lembra de outros fatos que ocorreram, ele recorda que foi realizada uma pesquisa para saber a opinião dos moradores e que o grupo que iniciou a rádio era oposição à associação de moradores, que na época tinha como presidente João Roberto de Carvalho. O grupo começou a movimentar a comunidade, com festas, concursos, desfiles:

A gente pensava que a associação era muito “morta”, não fazia movimento social. E a rádio era mais ou menos isso, um grito de socorro para a comunidade. A gente podia falar o que quisesse na rádio, que a associação não podia intervir, já que [a rádio] não era da associação (Normando Rodrigues, entrevista 12/03/2014)

⁷ A entrevista foi realizada no dia 9 de março de 2014, na sede da rádio comunitária. Participaram o atual presidente, Chico Cambista, e o idealizador da rádio, conhecido como Zequinha.

Na época, Normando Rodrigues reconhece que ele já estava despontando como líder comunitário e tinha uma aproximação com as pessoas da comunidade. “Quando nós acabamos o GAC, foi quando nós entramos na política de verdade da comunidade, porque antes era uma política paralela. Aí nós acabamos com o grupo GAC, pegamos a rádio e juntamos com a associação dos moradores, na minha gestão.”

Mas, ele explica que sempre teve um grupo separado da associação que comandava a rádio. Na época, a associação solicitava recursos ao Governo do Estado para compra de equipamentos da rádio, etc. “Só que o acordo é que a associação não comandaria a rádio comunitária, em nenhuma gestão. E realmente nunca aconteceu. Nenhum presidente comandou a rádio comunitária. Sempre teve um grupo, foi o nosso legado, que comanda a rádio comunitária. Ela é sempre independente”.

A rádio comunitária do Conjunto São Vicente de Paulo surgiu, em 1993, dentro de um contexto geral do movimento nacional de “contra-comunicação”, iniciado nos anos de 1970 e que prosseguiu nos anos de 1980 e parte dos 90. Peruzzo (2006, p. 5-6) explica que esses projetos em geral “envolvem adolescentes e jovens e assumem o misto de mídia comunitária e alternativa, numa dinâmica em que se descobre a comunicação como mediação no processo de formação da autoestima e da cidadania juvenil em áreas carentes”. É interessante perceber o engajamento de um grupo de jovens que além do interesse pelas festas que ocorriam no salão da Quadra, organizadas pela Associação dos Moradores, também esteve atento para outras questões, como a própria comunicação entre os moradores.

De acordo com um dos primeiros locutores da rádio, José Alberto Alves⁸, o grupo conseguiu arrecadar dinheiro com festas, quermesses e desfiles e doação dos

⁸ Entrevista realizada no dia 9 de março de 2014, na casa do entrevistado, na Quadra.

próprios participantes para conseguir comprar os primeiros equipamentos necessários para o funcionamento da rádio, como o módulo de transmissão e o microfone. Para ele, toda essa mobilização surgiu “da vontade de fazer algo pela comunidade e ajudar na comunicação entre a associação e a comunidade”.

Em 1996, a rádio também recebeu a ajuda financeira de uma fundação para aquisição de novos equipamentos e a programação chegou a atingir mais de 60% do Conjunto. A troca de equipamento foi possível outras vezes através do dinheiro arrecadado com os comerciantes, prática realizada desde a fundação.

José Alberto Alves apresentava, aos domingos pela manhã, um programa de músicas românticas que abria espaço para recados do coração e realizava sorteios. Ele relata que antes de iniciar o programa na comunidade, o grupo visitou outras experiências de rádio, uma delas no bairro Edson Queiroz. Lembra ainda que houve reclamações dos moradores no início, sobretudo em relação aos programas que começavam às 8h, mas que a maioria da comunidade acabou aceitando “por se tratar de um veículo de comunicação importante para a comunidade”.

Catarina Oliveira (2007) relata que percebeu uma diferença significativa nas práticas de radiadoras vividas na década de 80 e início da década de 90, quando passou a observar as rádios comunitárias FMs, em 1997, no Estado do Ceará:

Compreendi que essas emissoras [rádios FMs comunitárias] atuavam agora no mesmo espaço radiofônico que as emissoras comerciais e eram diferentes das radiadoras que funcionavam esporadicamente e tinham apenas duas ou três horas de programação diária. Na verdade, os sistemas de alto-falantes, usados como radiadoras comunitárias, só

funcionavam nos horários em que não entrassem em choque com o cotidiano do bairro: funcionamento das escolas, horário da missa e da exibição das novelas. As rádios FMs comunitárias por sua vez ficavam no ar entre onze e quatorze horas por dia e passavam a ser sintonizadas pelo próprio ouvinte, oferecendo opção de escolha para os receptores (OLIVEIRA, 2007, p.6-7).

No início da rádio na Quadra, foram instaladas apenas 6 caixas de som em uma região específica para que o grupo pudesse perceber a reação dos moradores. Isso demonstrou a preocupação com a aprovação dos moradores, sobretudo por se tratar de um meio de comunicação que entra na casa das pessoas, sem ter a opção de ser interrompido. Por essa característica invasiva, Zequinha relatou algumas situações em que moradores chegaram a cortar o fio de uma das caixas que estava próxima de sua casa ou mesmo da rádio ter sido denunciada para órgãos fiscalizadores do governo, momento em que chegou a ser interdita pelo líder comunitário da época que temia ser responsabilizado por alguma infração - apesar de a rádio não ser de frequência modulada e não infringir nenhuma lei. Normando afirma que até hoje a rádio tem problemas com a comunidade.

Francisco Gerardo da Silva, mais conhecido como “Chico Cambista”, é o atual presidente da rádio. Apesar de não ter participado do Grupo GAC, desde 1995 ele apresenta, aos domingos, o programa “Recordar é viver”, o mais antigo da programação. Chico explica que iniciou sua participação na rádio em busca de uma ocupação, para fugir da “farrá”. Recorreu ao então presidente da Associação dos Moradores da época, Salustiano Pereira de Queiroz, que deu a oportunidade para que ele fizesse o programa⁹.

⁹ Percebe-se que nessa época a rádio já estava sob o controle da Associação dos Moradores. De acordo com Zequinha, a rádio ficou sob o comando do GAC apenas nos dois primeiros anos, de

Chico Cambista relata que os fundadores da rádio “estavam muito empolgados e era uma grande novidade na época, quando surgiram as rádio comunitárias no Brasil”. Ele explica que, no início da rádio, os moradores se assustaram com a grande quantidade de programas¹⁰ e atribui esse conflito à falta de conhecimento dos fundadores da rádio sobre comunicação. “Era uma gritaria, eles não tinham uma ideia do que seria o locutor e do que seria o comunicador popular”, explica Chico Cambista:

Na rádio comunitária é o comunicador popular, não é o locutor de uma rádio oficial. Um comunicador que se comunica com a comunidade, que é o meu caso aqui, primeiro lugar tem que levar informação para a comunidade, que isso é o mais importante, sempre manter a comunidade informada, que é isso que eu faço diariamente aqui. Essa é a função maior do comunicador popular, trabalhar sempre com a ação social, que é o nosso caso aqui. Quando alguém precisa de ajuda, a gente recorre à rádio comunitária juntamente com a comunidade (Chico Cambista, entrevista 23/02/2014).

De acordo com Perruzo (2008), a comunicação popular representa uma forma alternativa de comunicação e tem sua origem nos movimentos populares dos anos de 1970 e 1980, no Brasil e na América Latina como um todo. Ela não se caracteriza como um tipo qualquer de mídia, mas como um processo de comunicação que emerge da ação dos grupos populares:

A comunicação popular foi também denominada de alternativa, participativa, horizontal, comunitária e dialógica, dependendo do lugar social e do tipo de prática em questão. Porém, o sentido político é o mesmo, ou seja, o fato de tratar-se de uma forma de expressão de

1993 a 1995. Já Normando Rodrigues, sem muita precisão, afirmou que o grupo permaneceu por cerca de 5 anos.

¹⁰ Nenhum dos entrevistados consegue lembrar com detalhes os programas que eram produzidos na época, mas citaram pelo menos cinco programas e relataram que eram em sequência. Zequinha explicou que após a reação negativa dos moradores à quantidade de programas, foi realizada uma organização da grade de programação e inseridos intervalos entre os programas.

segmentos excluídos da população, mas em processo de mobilização visando atingir seus interesses e suprir necessidades de sobrevivência e de participação política. No entanto, desde o final do século passado passou-se a empregar mais sistematicamente, no Brasil, a expressão *comunicação comunitária* para designar este mesmo tipo de comunicação e também outras expressões similares (PERUZZO, 2006, p.2).

Observa-se que a rádio da Quadra apresenta algumas das características definidas por Peruzzo (1998): não ter fins lucrativos, ter uma programação voltada para a comunidade local, gestão coletiva, prezar pela democratização da comunicação e ser interativa. Também pode ser considerada uma “rádio poste”, por se tratar de uma rádio que funciona em sistema de alto-falante.

Em Fortaleza, segundo Nunes (2010, p.63), as rádios de alto-falantes ganharam força no ano de 1987, com um projeto de rádios comunitárias desenvolvido pela Prefeitura. Antes disso, porém, já existiam experiências nesse sentido, como a rádio de alto-falantes do Jardim Iracema, iniciada em 1982. Nos anos posteriores, as rádios se expandiram para outros bairros, contabilizando cerca de 20 rádios no início dos anos 90 (NUNES, 2010, p. 63).

De acordo com Cicília Peruzzo (1998, p.6), o uso de alto-falantes como rádio é uma prática existente no Brasil desde antes do golpe militar de 1964, principalmente ligada a Igrejas e estabelecimentos comerciais. Com o Golpe, as rádios foram extintas, tendo retornado às atividades na década de 1980, período de maior destaque. Aos poucos, porém, essas iniciativas foram entrando em declínio, dando lugar às emissoras de rádio de baixa potência, conhecidas como rádios comunitárias, que funcionam em Frequência Modulada. Peruzzo (1998) explica que na década de 90 eles continuam existindo, mas com conotações diferenciadas:

Existe um modelo em que o serviço de som funciona como um produto da comunidade. As organizações comunitárias o administra voluntária e coletivamente. Desenvolve m a programação voltada para a conscientização e mobilização, informa, oferece entretenimento e presta serviço de utilidade pública. Um segundo modelo conserva as características de interesse público, mas é dirigido por uma ou duas pessoas comprometidas com o bem-estar social local. Normalmente são pessoas que gostam do rádio e vêm nessas emissoras um canal para exercitarem sua voz e prestarem um serviço a comunidade. Num terceiro modelo seus idealizadores chegam até a colocar o sistema de som a serviço da comunidade visando melhorias, mas seus interesses são particulares. Querem reconhecimento, prestígio e almejam um emprego nas emissoras convencionais. Um quarto modelo é similar ao anterior, só que os interesses são de ordem comercial. Operam o sistema de som enquanto meio para veiculação de anúncios e outras formas de patrocínio visando o lucro particular. (PERUZZO, 1998, p.6)

Percebe-se que a rádio na Quadra foi iniciada no primeiro modelo apresentado por Peruzzo (1998), administrada por uma organização de forma voluntária e coletiva. Após o fim do grupo GAC, o comando passou a ser do Chico Cambista, que até hoje mantém a programação da rádio. O modelo então foi modificado e a rádio passou a se caracterizar pela segundo opção descrita por Peruzzo, em que uma pessoa se compromete com a prestação de serviços para comunidade através da rádio.

Participação

Em um primeiro momento, percebe-se que a rádio surgiu a partir da demanda dos próprios moradores e conseguiu se manter por cerca de três anos nessa administração coletiva e voluntária. Em 1996, por divergências entre seus fundadores e por questões pessoais, como emprego, casamento, o GAC se desfez e a rádio passou a fazer parte da Associação dos Moradores na gestão de Normando Rodrigues como presidente e Zequinha como vice-presidente. Normando relata que, nessa época, passou a direção da rádio para o grupo de Chico Cambista. De acordo com Normando sempre houve a preocupação em manter um grupo a parte da Associação de Moradores para comandar a rádio. Ele explicou que, por algumas vezes, dentro das chapas, existia alguém que seria o responsável pela rádio, para que não ficasse nas mãos do presidente da associação. Zequinha, Sandra Monteiro e depois Chico Cambista já foram responsáveis pela rádio.

De acordo com Chico Cambista, com a entrada de um novo presidente da Associação dos Moradores, Antônio Cordeiro Viana (Piçarra), após a gestão de Normando, a rádio passou a ser administrada pela associação. Após um período de conflito entre a associação dos moradores e os realizadores da rádio, o grupo liderado por Chico Cambista elaborou um documento que declarava estar a rádio sob o comando de um grupo gestor formado por seis pessoas, independente da Associação Comunitária, mas sujeita a sua apreciação. Em 2007, a rádio ganhou novo nome “Centro de Comunicação Alternativa”, a partir de um acordo realizado entre membros da Associação de Moradores e integrantes da rádio. E hoje, Chico Cambista continua a frente da rádio e atua como vice-presidente da associação, após conquista eleitoral em 2013. Essa situação vai de encontro ao que Normando afirmou de nunca a rádio ter sido comandada por membros da gestão da associação de moradores.

Apesar de muitas rádios poste terem encerrado suas atividades, o grupo na Quadra ainda resiste e é responsável por produzir os programas e manter os equipamentos através do dinheiro arrecadado com comerciantes locais que divulgam seus produtos na rádio. De acordo com Chico Cambista, são cerca de 20 comerciantes que contribuem com a quantia de R\$17,00 por mês para ter seus produtos anunciados na rádio. Anúncios estes realizados todas as manhãs pelo próprio Chico Cambista.

Nesses 20 anos, a rádio teve função importante no registro do cotidiano dos moradores e no acesso à informação de interesse local. Desde o início, os integrantes se preocuparam em levar entretenimento e diagnosticar as demandas internas, com dicas de empregos e serviços de utilidade pública, abrindo espaço para campanhas educativas e de saúde, anúncios de eventos e apelos, feitos por pessoas do local e de outras regiões.

Kaplún (1985) discute na obra “La Pedagogia de la comunicación” os meios para se ter uma comunicação social democrática e eficaz. Para ele, a comunicação deve estar a serviço de processo educativo transformador, em que os sujeitos destinatários vão compreendendo criticamente sua realidade e adquirindo instrumentos para transformá-la, e decidem ter como meta o diálogo e a participação (KAPLÚN, 1985, p.67).

Após concretizadas as metas, Kaplún levanta a questão de como fazer com que todos participem pessoalmente de sua produção e conclui que isso não é possível. “Ciertamente, no es posible imaginar mensajes elaborados por TODA una comunidad. Siempre será necesario un equipo responsable, un grupo encargado que asuma su producción”:

Pero si este equipo es creativo y, en lugar de sentirse emisor exclusivo y privilegiado, se sitúa como facilitador, como animador y organizador de la comunicación, puede encontrar formas y caminos para que los medios vayan generando un diálogo cada vez más compartido, y se vayan haciendo gradualmente más y más abiertos a la participación de sus destinatários (KAPLÚN, 1985, p.67)

A rádio da Quadra foi iniciada por um grupo de moradores jovens que voluntariamente se colocaram a disposição da associação para colaborar com a comunicação na comunidade. Normando Rodrigues era responsável pelo programa sobre esporte chamado “Bola na rede”, realizado aos domingos pela manhã. Sandra Monteiro apresentava um programa sobre saúde da mulher, aos sábados pela manhã. José Aguiar Viana, o Zequinha, que foi o idealizador da rádio e organizou a grade de programação durante o período em que o GAC esteve à frente da rádio, chegou a apresentar um programa sobre a Jovem Guarda por um período de seis meses, mas, após o fim do GAC, se afastou da programação e, atualmente, faz apenas a manutenção dos equipamentos, devido a problemas de saúde. O grupo não conseguiu se renovar e os jovens que faziam parte acabaram desistindo, muitas vezes por terem começado a trabalhar, se casado, adquirido novas responsabilidades, etc. E muitos que foram saindo da liderança comunitária, também se afastaram da rádio. De acordo com Normando Rodrigues, “quem foi se desiludindo com a política da comunidade, acabou saindo da rádio”.

Percebe-se que o grupo que participa ativamente da rádio é restrito a um número reduzido de moradores, entre 5 e 8 pessoas. Chico Cambista e João Roberto Carvalho são os únicos da época dos primeiros anos da rádio que ainda continuam apresentando programas. Chico Cambista é o atual presidente da

Rádio e vice-presidente da associação, e João Roberto foi o primeiro líder comunitário e hoje apresenta um programa religioso “Despertar para a vida”. A Rádio funciona de segunda a sexta-feira, com a média de um programa por dia, com duração de uma hora, e os informes e anúncios de comerciantes realizados todos os dias pelas manhãs por Chico Cambista, que antes de sair para trabalhar passa na rádio. As manhãs de domingo são dedicadas ao programa “Recordar é viver”, com músicas clássicas da MPB e brega, apresentado por Chico Cambista, de 9h30 as 11h. Nas tardes de segunda a sexta-feira, programas religiosos vão ao ar das 16h às 17h, e na quarta-feira, às 18h. São programas evangélicos e católicos.

O artista plástico Dante Diniz é o único colaborador que não mora na Quadra. Desde 1995, ele produz um programa informativo chamado Latitude 40°, antes realizado uma ou duas vezes na semana, pela manhã. Após a aposentadoria do apresentador, que integra os quadros do Governo do Estado e prestava serviço na Quadra, o programa passou a ser realizado esporadicamente.

Atualmente, a produção é feita por colaboradores e moradores, que se responsabilizam cada um por um programa semanal, e a participação dos moradores demonstra ser esporádica. Bordenave (1983, p.18) explica que a “não participação” seria um fenômeno da marginalidade, ou seja, “ficar de fora de alguma coisa, às margens de um processo, sem nele intervir”. Mesmo a participação sendo inerente a natureza social do homem, há situações em que ele pode optar por não participar.

A frustração da necessidade de participar constitui uma mutilação do homem social. Tudo indica que o homem só desenvolverá seu potencial pleno numa sociedade que permita e facilite a participação de todos. O futuro ideal do

homem só se dará numa sociedade participativa
(BORDENAVE, 1983, p.17)

A mobilização do público-alvo para participação é feita principalmente durante os programas de rádio. A responsabilidade por essas ações é dos próprios locutores e produtores da rádio, que ainda buscam essa participação, muitas vezes, de forma direta, falando com os ouvintes e respondendo a suas críticas e demandas. De acordo com relatos dos entrevistados, a rádio sempre foi uma ferramenta importante de solidariedade. Normando Rodrigues e Chico Cambista rememoraram episódios em que com a morte ou doença de um morador que não tinha dinheiro para comprar um caixão ou remédios, ao anunciar na rádio, em poucos minutos já era possível ter além do dinheiro que precisava. Chico Cambista conta uma história em que foram doados R\$1.800 em menos de uma hora.

Ao mesmo tempo, eles também relatam que a rádio ficou tão conhecida por essa mobilização solidária que pessoas de outros lugares muitas vezes procuravam ajuda em rádio comerciais maiores e eram encaminhadas por estas para a rádio da Quadra para conseguir doações. De acordo com Normando, chegou um momento em que toda semana aparecia alguém de fora pedindo doações e foi proibido fazer qualquer tipo de apelo para pessoas de fora da comunidade.

Em uma passagem rápida pela comunidade, durante o horário dos programas, é possível perceber tanto pessoas que acompanham a programação – muitas vezes indo até a rádio solicitar músicas e mandar mensagens e avisos – como moradores que ligam o som em casa em volume bastante alto para escutar outras músicas. Em algumas ruas da comunidade, nota-se que a transmissão da rádio é confusa, com as caixas de som nos postes “brigando” com as músicas que surgem do interior das casas. Geralmente as casas vencem essa briga, porque o

volume das caixas de som da rádio poste é considerado até baixo por opção dos gestores da rádio que buscam respeitar os moradores. Os horários dos programas também demonstram essa preocupação.

Considerações finais

Através desta investigação inicial, que será desenvolvida durante a pesquisa de mestrado, foi possível entender a trajetória de criação da rádio poste na Quadra. Percebeu-se que a iniciativa partiu de um grupo de jovens envolvidos com as questões comunitárias que entenderam a rádio como uma ferramenta que poderia melhorar a comunicação local entre a associação e os moradores. É interessante notar o envolvimento dos jovens e a participação ativa deles na gestão da associação dos moradores. Um dos integrantes chegou a afirmar que, com o início da rádio, o grupo responsável pelo projeto, o Grupo de Apoio Comunitário, chegou a ter uma repercussão maior do que a própria gestão da associação entre os moradores na época.

Integrantes do grupo chegaram a, posteriormente, integrar gestões da associação dos moradores. Isso mostra que ou já havia algum interesse político dos jovens ou esse interesse surgiu com a experiência na rádio. De toda forma, a experiência da rádio se mostrou integradora e coletiva, de forma a envolver um grupo que participava ativamente na produção de programas que envolviam a comunidade.

Apesar da reação inicial negativa dos moradores, ocasionada pelo excesso de programas, o grupo conseguiu definir uma grade de programação mais adequada e passou a ser aceito pela maioria da população. Foram relatados ainda alguns confrontos com moradores que chegaram a cortar os fios das caixas de som, mas o histórico é de aceitação e os 20 anos de existência da rádio comprovam isso.

Assim como outras experiências e projetos de comunicação comunitária na Quadra, a exemplo dos jornais O Revolucionário e Voz da Quadra, o projeto da rádio sob a gestão coletiva dos jovens teve uma duração curta e foi desfeito devido a problemas entre os integrantes e também pela falta de renovação do grupo que, aos poucos, ia deixando a rádio devido ao aparecimento de novas responsabilidades, como casamento, filhos, estudos ou a entrada na política da comunidade.

Com o fim do grupo fundador, percebe-se que poucos integrantes continuaram a realizar programas. Muitos iniciaram sua participação política na Associação dos Moradores ou perderam a vontade de participar. Nesse aspecto, é interessante investigar, em pesquisas futuras, a participação dos moradores nos períodos posteriores à gestão do GAC, principalmente as transformações ocorridas na rádio com a ascensão dos outros grupos, o período que a rádio ficou sob responsabilidade da própria associação dos moradores e o atual grupo liderado por Chico Cambista.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Assunção, A. K. C ., Ribeiro, M. C. , & Bonfim, S. M (2012). A Quadra está no ar: estudo de caso da Rádio Centro de Comunicação Alternativa, em Fortaleza. In: *XIV Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste, Recife, 2012*. Disponível em:
<http://www.intercom.org.br/papers/regionais/nordeste2012/resumos/R32-1493-2.pdf>
- Bordenave, J. E. D. (1983). *O Que é Participação*. São Paulo: Brasiliense.
- Kaplún, M. (1985). *El comunicador popular*. Quito: CIESPAL.
- Nunes, M.V. (2010). *Rádio, cidadania e campanhas eleitorais (1998-2008)*. Rio de Janeiro: e-papers.
- Oliveira, C. T. F. (2007). *Escuta Sonora: recepção e cultura popular nas ondas das rádios comunitárias*. Rio de Janeiro: e-papers.
- Paiva, R. (2003). *O espírito comum: comunidade, mídia e globalismo*. (2ª ed. rev. e ampl). Rio de Janeiro: MAUAD.
- Peruzzo, C. M. K. (1998). Participação nas Rádios Comunitárias no Brasil. In: *XXI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, Recife, 9-14 Setembro, 1998*. Disponível em: <http://www.bocc.ubi.pt/pag/peruzzo-cicilia-radio-comunitaria-br.pdf>.
- Peruzzo, C. M. K. (2006). Revisitando os Conceitos de Comunicação Popular, Alternativa e Comunitária. In: *XXIX Congresso Brasileiro de Ciências da*



Comunicação, Brasília, 6-9 Setembro, 2006. Disponível em:

<http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2006/resumos/R0094-1.pdf>

Silva, J. B. (1992). *Os incomodados não se retiram: uma análise dos movimentos sociais em Fortaleza*. Fortaleza: Multigraf Editora.